

# UMA CURADORIA DAS ILUSTRAÇÕES DOS CONTOS POPULARES INFANTO-JUVENIS DE RICARDO AZEVEDO

A curator of illustrations of popular children's tales by Ricardo Azevedo

Sheila Morais de Sousa Mendes<sup>1</sup>

**Resumo.** Ricardo Azevedo, brasileiro, 73 anos, autor e ilustrador de livros infanto-juvenis, tornou-se um dos nomes mais influentes da literatura brasileira contemporânea. Este artigo apresenta o quão significativas são suas ilustrações de livros de contos populares, recontados e ilustrados por ele. Em busca desse resgate dos "contos populares", o autor e ilustrador cria uma técnica que imita a xilogravura. Através das imagens aqui apresentadas, buscamos destacar essa regionalidade tão brasileira.

**Palavras-chave:** Ilustrador Brasileiro, Livros de histórias, Contos Populares, Ricardo Azevedo

**Abstract.** Ricardo Azevedo, Brazilian, 73 years old, author and illustrator of children's and youth books, has become one of the most influential names in contemporary Brazilian literature. This paper presents how significant are his illustrations of books of folk tales, retold and illustrated by him. In search of this rescue of "people's tales", the author and illustrator creates a technique that imitates woodcut. Through the images presented here, we seek to highlight this very Brazilian regionality.

**Keywords:** Brazilian Illustration, Story Book, Folk tales, Ricardo Azevedo

## 1 Introdução

Ricardo Azevedo é escritor e ilustrador paulista, autor de muitos livros para crianças e adolescentes. Ganhou vários prêmios, entre eles alguns *Jabutí* - o mais tradicional prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. Tem livros publicados na Alemanha, Portugal, México, França e Holanda. É Bacharel em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP e mestre e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo - USP. Autor da tese *Abençoado e danado do samba – Um estudo sobre o discurso popular* (publicada pela Edusp). Pesquisador na área de cultura popular. Professor convidado em cursos de especialização em Arte-Educação e Literatura. [1]

---

<sup>1</sup> Mestranda do PPGEAHC na Universidade Presbiteriana Mackenzie, Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental 1 da Prefeitura de São Paulo e Gestora do Colégio Interativo de São Paulo sheilassmm@yahoo.com.br

Filho de professor universitário e autor de livros didático de geografia, Azevedo sempre teve à disposição livros e modelos leitores, como seus pais. Escolher um livro para levar para uma viagem, era um hábito comum. Ainda antes disso, usar os livros como apoio para brincadeiras e, na escola, as trocas de indicações com colegas iam aumentando seu bom hábito. Dessa forma, a literatura ganhou destaque em sua vida infantil e juvenil. Azevedo relata o fato de que a imagem, as ilustrações não recebiam o mesmo destaque que as letras nessa sua jornada, porém, após matricular-se na faculdade de Jornalismo, na FAAP, foi com um amigo, assistir uma aula da Faculdade de Artes Plásticas da mesma instituição, sua mente se abriu e decidiu trocar o Jornalismo por Comunicação Visual. Azevedo analisou: Um escritor e um ilustrador juntos, podem tratar dos mesmos temas em comunhão. Desde então, percebeu a grande importância que tem as ilustrações. Destaca também que há coisas que ele só consegue dizer com as ilustrações, com seu desenho.

Quando na década de 1980, Azevedo iniciou sua pesquisa sobre contos maravilhosos, adivinhas, anedotas, quadras, ditados do Brasil todo para recontá-los a seu modo. E para ilustrar estes trabalhos se atentou à uma entrevista de Paul Davis, um ilustrador do qual admirava, que dizia que todo seu trabalho era baseado na pintura popular americana. Nesse momento, Azevedo descobriu que cada ilustrador parte de algumas fontes, de algum contexto, e foi em busca de suas fontes, para sua própria autoria. Se questionando, que imagens podem ser, de alguma forma, referência para quem está no Brasil, no seu país. Foi aí que voltou seu olhar para iconografia popular. E apaixonou-se assim que descobriu a xilogravura, em especial, as xilogravuras de Gilvan Samico. Após citá-lo num livro, recebeu um telefonema do próprio Samico. Conversaram, tornaram-se amigos, foi visitá-lo, apreciar sua obra e aprender com ele. Ricardo desenvolveu uma técnica com nanquim que imita os recursos da xilogravura popular. Desde então, todo livro que veio a escrever e ilustrar, de contos populares ou sobre folclore brasileiro, usou essa técnica que leva a marca de uma tradição popular brasileira. Este artigo tratará de descrever uma das obras de Azevedo.

## 2 Contos Populares Brasileiros

“O Homem é universal fisiologicamente. Psicologicamente é regional” [4]. Luís Câmara Cascudo foi cirúrgico com a frase acima. Cada subgrupo da humanidade, ou cada civilização, foi criando sua cultura, sua regionalidade, seu *modus operandi* através das características naturais de sua região, das relações vividas e, de modo comunicativo. Os contos populares brasileiros, não distante de outras civilizações se constituíram principalmente a partir da oralidade, recurso fundamental do ser humano. É através da oralidade que transmitimos nossa vida, o dia a dia, acontecimentos, sonhos, lembranças, desejos e projetos. E foi por meio desta mesma oralidade que os contos populares foram passando de geração em geração. Por vezes alguns detalhes são alterados, esquecidos ou aumentados. A depender do contador, ou a depender dos ouvintes, que recontarão o que ouviram a seu modo.

A oralidade, ou a narrativa é uma necessidade do ser humano. Segundo Gomes “uma tendência definidora do ser humano: da escrita rupestre entremeada de sons guturais à elaboração da linguagem narrativa, observamos que o homem conta a história de si mesmo e do mundo. A necessidade dos ancestrais de reunirem-se à volta do fogo para se guarnecerem do frio e das feras está acompanhada do pressentimento de que algo poderia ser revelado na fala do sacerdote. E, na atualidade, não é com outro pressentimento que o homem rodeia o aparelho de televisão, à espera de um sacerdote dessacralizado da mídia: todos aguardamos notícias, revelações, reconstruções de eventos, através das narrativas.” [5] Um parêntese aqui, além da televisão, na atualidade temos os dispositivos móveis com acesso à internet como fonte crescente dessas narrativas. Cada vez mais acessível e literalmente à mão de muitos na população mundial.

O cerne dos contos populares é o ser, do ser humano. Os contos tratam dos mais variados assuntos que compõem, que constitui o ser humano, suas relações, suas angústias, suas alegrias, suas certezas e suas dúvidas eternas. Ou seja, o que é inerente a todos nós. De toda forma ela se adequa à sua região, aos seus narradores. “A narrativa, da mesma maneira como prospera longamente no círculo do trabalho artesanal – agrícola, marítimo e depois urbano – é ela própria algo parecido a uma forma artesanal de comunicação. Não pretende transmitir o puro ‘em si’ da coisa, como

informação ou um relatório. Mergulha a coisa na vida de quem relata, a fim de extraí-la outra vez dela. É assim, que adere à narrativa a marca de quem narra, como à *tigela de barro* a marca *das mãos do oleiro*.” [6]

Boa parte de toda obra de Ricardo Azevedo, é dedicada ao resgate de narrativas que tem base na tradição popular. Azevedo não apenas reproduz, mas também faz uma releitura de narrativas populares, lendas folclóricas, adivinhas, frases feitas, quadras, receitas culinárias e outras formas de expressão oral que, como ele mesmo declara, devem ser preservadas não só como memória cultural, mas pelo acúmulo de conhecimento que encerram.[2]

A linguagem usada por Ricardo Azevedo nos livros de contos populares e folclóricos é caracterizada justamente pela narrativa popular, uma linguagem coloquial, sem formalidades, entendível por todos os públicos, já que essas obras são originalmente destinadas ao público infanto-juvenil. A oralidade vem mostrar sua potência no padrão de escrita dos contos populares de Azevedo. “...são textos marcados pela oralidade. Estes são como um recado de viva voz, pretendem sempre ser compreendidos e, por essa razão, tendem a utilizar uma linguagem clara e pública para tratar de assuntos compreensíveis a todos.” [7]

Apesar de Azevedo criticar a segmentação existente mercadologicamente, impondo livros para determinadas faixas etárias, ele defende que há uma aproximação entre os contos populares e os livros ditos: infanto-juvenis. Entre algumas características que demonstram esta aproximação temos: a recorrência do elemento cômico, pois, o riso, o deboche, o escárnio e a alegria são formas de se contrapor a paradoxos da existência; o uso livre da ficção e da fantasia; personagens movidos pelos seus próprios interesses, pelo senso comum, pela aproximação afetiva, pela empatia, pela busca da felicidade, do que por uma ética geral, racional, uniforme, abstrata, que pretende determinar a priori, o certo do errado; o uso livre de personificações e antropomorfizações; a possibilidade da metamorfose; as poções, adivinhas e as palavras ou instrumentos mágicos, histórias com caráter iniciático, onde os heróis partem, enfrentam desafios e retornam modificados; um final feliz. [1]

Os contos populares são a marca de um povo. A ação de resgatá-los, recontá-los e ilustrá-los para um público jovem, é em si, um ato de preservação de uma cultura,

da marca de um povo. Uma maneira de não esquecê-los, de preservá-los e mantê-los vivos para apreciação e continuidade.

### 3 Ilustrações de Ricardo Azevedo

Quando voltamos nosso foco para ilustrações dos livros de contos populares de Azevedo, nitidamente nota-se que remetem às características de imagens usadas na literatura de cordel, a xilogravura. A xilogravura e o cordel retratam muito fortemente esse gênero literário tão tradicionalmente brasileiro. Como já dito, Azevedo teve como fonte de inspiração, as xilogravuras de Gilvan Samico. Empenhou-se em criar uma técnica que representasse tudo que a xilogravura representa, porém, sem que houvesse a necessidade de vincar a madeira. As ilustrações de Azevedo são criadas em nanquim e coloridas digitalmente, retratam esse formato popular tão amplamente conhecido no Brasil. Na figura 1 temos uma dupla imagem, à esquerda, o original em nanquim, e à direita a ilustração do livro, já colorida digitalmente. (Figura 1)

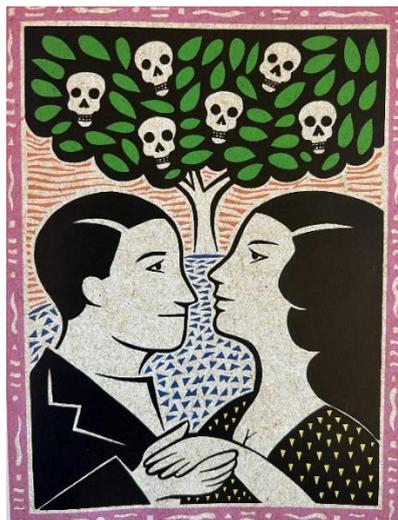


**Fig. 1.** Original em nanquim e ilustração do livro ‘Contos de enganar a morte’ (Ricardo Azevedo, 2003)

Assim como a linguagem da escrita dos contos é acessível, compartilhável. As ilustrações acompanham essa singeleza, porém, de forma alguma são simplórias. Elas contêm a força do popular, a capacidade de serem complexa e cheia de possibilidades. As ilustrações têm o poder de enriquecer todo um universo simbólico da história. “O conto popular traz uma tradição dentro dele, tem uma aura, tem marcas de uma certa mentalidade. Diante dele, sempre recorro a uma linguagem marcada pela iconografia popular, porque ela carrega essa tradição e essa visão de mundo.” [3] Para Azevedo as ilustrações devem fugir das obviedades, e sempre tentar ampliar

o significado proposto pelo texto. As ilustrações devem ser enriquecedoras, por vezes até mesmo inesperadas. Estas também podem relatar cenas e atos concretos e cotidianos, capazes de emocionar e gerar identificação, ou seja, nada de conceitos abstratos, subjetivos, impessoais e descontextualizados. [1]

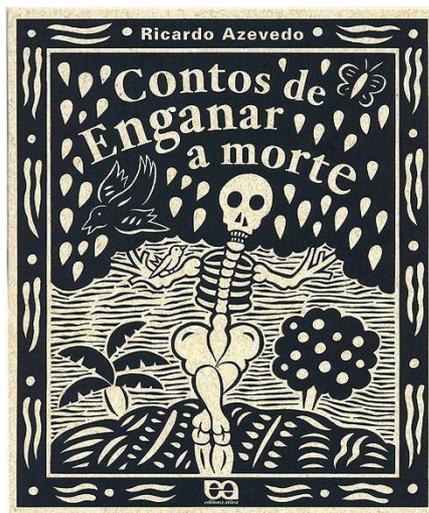
Uma das marcas do trabalho ilustrativo de Azevedo é a questão do movimento. Ele busca fugir desse efeito, por acreditar ser diretivo demais, restringindo as possibilidades de leitura do desenho. A falta de movimento lhe é mais interessante. Tenta sempre deixar os olhos, neutros e distantes ao leitor. Para que o leitor se sinta perplexo, tentando encontrar uma chave de leitura. (Figura 2)



**Fig. 2.** Ilustração do livro 'Contos de enganar a morte' (Ricardo Azevedo, 2003)

É válido pensar que um livro feito para crianças e jovens, seu texto e sua imagem, há de haver relação entre si, expressar sentido, comunicar, interagir. Observamos estas características nas obras de Azevedo. Analisando as imagens do livro: Contos de enganar a morte (2003) encontramos estas características. E o autor deixa isso claro quando declara "...um desenho simples, feito com poucos traços, sem maiores pretensões técnicas pode ser, sempre a meu ver, infinitamente melhor ilustração do que um desenho rebuscado, construído a partir de uma técnica requintadíssima, mas que em relação ao texto só consegue ser redundante." [1]

Apesar do livro Contos de enganar a morte, tratar de um tema dito, delicado, para a maioria das pessoas, ele ganha um ar diferenciado na obra. As imagens têm uma grande força no impacto inicial. A capa (Figura 3) é uma caveira. Símbolo praticamente mundial da morte, de algo nocivo ou negativo. Porém a caveira da ilustração não é lá tão ameaçadora. Em segundo plano, ainda temos árvores, pássaros e uma borboleta. Um dos pássaros está tranquilamente pousado na caveira, que parece representar o tronco e galhos da copa da árvore que completa a ilustração.



**Fig. 3.** Capa do livro 'Contos de enganar a morte' (Ricardo Azevedo, 2003)

No site de Azevedo, a sinopse do livro é: “Certa segunda-feira, eu estava na quarta série do primeiro grau, a professora entrou na classe com uma péssima notícia: o pai de um nosso colega tinha morrido afogado em Bertioga, no litoral paulista. Lembro do sentimento de medo: e se meu pai também morresse? Lembro de estremecer de pena e tristeza por causa do meu amigo. Lembro de me perguntar: o que é a morte?” [1]

Na última capa do livro, o texto de apresentação da obra é: “Era uma vez a Morte. Ninguém queria saber dela e todo mundo só pensava em passar-lhe a perna, mandá-la para bem longe de suas vidas tão preciosas. O compadre bem que tentou ser mais esperto que ela; o ferreiro achou que podia fazê-la esperar para sempre. Mas com a Morte não tem conversa mole. Quando chega a hora, não adianta bater o pé. É o que mostram estas narrativas populares recolhidas e recontadas por Ricardo Azevedo. Cheias de humor e astúcia, estas histórias tratam a morte com naturalidade e são uma declaração apaixonada de amor à vida.” [8]

O assunto morte é, verazmente sério e delicado. Porém está no âmago de todo o ser humano. Logo, tem seu espaço garantido nos contos populares brasileiros. A morte ser um tema de reflexão, é importante para todos, adultos, jovens e crianças. E quando o tema é tratado de forma leve, cômica, instigante, pode facilitar a reflexão. As ilustrações de Azevedo contemplam estas características. São leves e engraçadas, por exemplo, temos a Morte, retratada pela caveira, leve e simpática, sentada num banco, de posse de um violão, com um pássaro a tiracolo e parece até mesmo sorrir para o leitor. (Figura 4)



**Fig. 4.** Vinheta da folha de rosto e quarta capa do livro 'Contos de enganar a morte' (Ricardo Azevedo, 2003)

Em outra ilustração, podemos perceber uma cena mais tensa, temos a Morte parecendo que irá cumprir com sua missão. Deitada numa cama, uma jovem moça, e a Morte a postos com sua foice em uma das mãos, estendendo a outra mão no rumo da moça. Ainda assim, o colorido da imagem, traz leveza para a cena. (Figura 5)



**Fig. 5.** Ilustração do livro 'Contos de enganar a morte' (Ricardo Azevedo, 2003)

E como não sorrir ao ver a imagem da Morte, balançando e sacolejando ao som de uma viola? Por mais que Azevedo busque, como já dito a falta de movimento em suas ilustrações, é muito claro o que a imagem quer transmitir. A dança, o movimento que a Morte está fazendo naquele momento. (Figura 6)



**Fig. 6.** Ilustração do livro 'Contos de enganar a morte' (Ricardo Azevedo, 2003)



**Fig. 7.** Vinheta do livro 'Contos de enganar a morte' (Ricardo Azevedo, 2003)



**Fig. 8.** Vinheta de final de conto do livro 'Contos de enganar a morte' (Ricardo Azevedo, 2003)



**Fig. 9.** Vinheta de final de conto do livro 'Contos de enganar a morte' (Ricardo Azevedo, 2003)



**Fig. 10.** Vinheta da folha de rosto e quarta capa do livro 'Contos de enganar a morte' (Ricardo Azevedo, 2003)



**Fig. 11.** Vinheta de final de conto do livro 'Contos de enganar a morte' (Ricardo Azevedo, 2003)

Um parágrafo dedicamos às vinhetas, Azevedo trata todas as ilustrações de suas obras com denodo e cuidado, independentemente do destaque que esta receberá no livro. As vinhetas, que compõem a contracapa, folha de rosto e fim de cada conto, são a 'cereja do bolo'. O livro que estamos analisando, é composto de quatro contos. Ao final de cada conto temos uma vinheta. Estas também são ilustrações feitas em nanquim, e seguem as referências de imagens usadas nas xilogravuras. As vinhetas, trazem temas que se repetem tanto nas ilustrações como em algumas das narrativas orais das quais advieram. Já na contracapa revemos uma espécie de árvore sendo a caveira como o tronco. (Figura 7) Um diabo, devidamente retratado com seus dois chifres e cauda pontuda. Ele surge também como personagem em um dos contos, além de fazer parte do imaginário de boa parte da população mundial. (Figura 8) Um pássaro, que se repete em várias ilustrações do livro em locais diferentes na cena. (Figura 9) Uma cabeça óssea de boi ou de vaca, que parece ter sucumbido à seca que caracteriza boa parte do território Nordeste e Centro Oeste do Brasil. Juntamente com a planta característica do solo seco, o cacto, temos dois destes ao fundo. Ainda que a caveira animal aparente uma certa simpatia no olhar, não deixa de ser uma crítica a tantos problemas sociais que toma conta dos interiores do Brasil. (Figura 10) E por último, segundo seu criador Azevedo, temos um monstrengo, parte do corpo remete a uma serpente, tem dentes afiados, porém é dotado de chifres. (Figura 11)

#### 4 Conclusão

Quando se mistura o real e o imaginário, a palavra e a ilustração, a literatura com a cultura popular, tudo isso com uma pitada generosa de humor, é possível captar sonhos, sonhos de jovens, crianças e até mesmo dos adultos que abrem para essas possibilidades. Funde-se o sonho com a vida real, faz pensar, refletir e sorrir. Segundo Chartier, é possível dizer que o ilustrador não ilustra livros. Ele compõe, com sua arte, textos visuais que, em diálogo com o texto escrito, vêm construindo narrativas e poemas da produção literária para crianças. [9] É dessa forma que as obras de Ricardo Azevedo se propõem, dialogando com o texto e as ilustrações que integram a obra.

Acima de tudo, buscar as raízes de uma população, em histórias que fazem parte do imaginário, correlacionando com a vida real e todas as demandas que nela existem. De forma a continuar dando a oportunidade de crianças e jovens conhecerem parte da cultura raiz de um povo a que fazem parte. Apesar de um momento cultural um pouco distante dessa regionalidade, em áreas urbanas, mas que ainda se mantêm e ainda dialoga com o contemporâneo pois, as peripécias da vida nos atingem em qualquer tempo. Dar esta oportunidade às novas gerações em forma de livros é uma maneira de perpetuar a cultura, antes oral, agora registrada. Observar e admirar as ilustrações que complementam o texto e se deixar levar pela possibilidade de refletir, se emocionar, de sorrir e sonhar com as diversas possibilidades que a arte tem de significar e ressignificar uma pessoa.

*“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e do Fundo Mackenzie de pesquisa – Mackpesquisa”*

## Referências

1. Ricardo Azevedo, <https://www.ricardoazevedo.com.br/wp/ricardo-azevedo>
2. Enciclopédia Itaú Cultural, <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4551/ricardo-azevedo>
3. Moraes, O., Hanning, R., Paraguassu, M.: Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis, pp. 90--109. Cosac Naify, São Paulo (2012)
4. Cascudo, L.: Civilização e Cultura. Global, São Paulo (2017)
5. Gomes, N., Pereira, E.: Mundo Encaixado – Significação da cultura popular. Mazza Edições, Belo Horizonte (1992)
6. Benjamin, W.: Os pensadores. Abril Cultural, São Paulo (1975)
7. Azevedo, Ricardo.: Cultura popular, literatura e padrões culturais, pp. 157—176. Ide, Natal (2008)
8. Azevedo, R.: Contos de enganar a morte. Editora Ática, São Paulo (2003)
9. Chartier, R.: A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Editora Universidade de Brasília, Brasília (1999)